



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

FORTALEZA, CE, 11 DE MARÇO DE 2002

Os caros amigos aqui presentes já foram todos citados, nomeados, pelo Presidente do BID, Enrique Iglesias, e dispenso de saudá-los, individualmente. Mas quero que saibam do nosso afeto e, se o Governador Tasso Jereissati me dá autorização, do afeto de todo o Ceará, Estado em cuja capital estamos reunidos, pelo fato de terem se dirigido a esta cidade formidável. Agradeço muito especialmente ao Dr. Enrique Iglesias, não só por ter vindo aqui – depois falarei mais sobre ele, por que veio aqui – mas porque realmente ele nos comoveu.

Falar de Juscelino, no Brasil, falar de sua filha é, para todos nós, brasileiros, alguma coisa que toca o coração. Toca independentemente de qualquer cor partidária – e eu sempre fui do lado dele – mas, independentemente disso, toca no coração porque Juscelino deixou uma marca no Brasil, que nós prezamos. Ele fez, ele aconteceu, ele foi bom. Ele sorria, acreditava nas pessoas, era generoso, era cordial, ele perdoava. Foi um grande homem. Foi uma grande pessoa, além de ser grande presidente. De modo que a homenagem, que é justa, é também a expressão de uma outra personalidade que nos é muito querida, que é de Enrique Iglesias. Ele conquistou, certamente, o respeito e a admiração

de todos nós pela sua dedicação ao tema do desenvolvimento latino-americano.

Nós nos conhecemos há muitos anos. Não vou dizer nem quantos. Ele mencionou, aqui, que eu estava lá, na Cepal, falou do Celso, falou do Iglesias – José Serra chegou depois, que é mais jovem, e eu não sou tão velho quanto os dois que citei. Mas, enfim, somos dessa época. Uma época em que se sonhava grande. Sonhava-se que era possível uma afirmação dessa região, como uma região que não fosse apenas o Terceiro Mundo, mas que fosse uma região capaz de realizar-se por si mesma, que tivesse energia, que olhasse para o seu povo e continuasse desenvolvendo um Estado moderno, que atraísse capitais e que nunca deixasse de combater a pobreza.

Quantas vezes, quantas reuniões, infinitas, na Cepal, não só nós dois, mas alguns dos aqui presentes. Ainda há pouco, ao conversar com nosso querido Presidente Patricio Aylwin, do Chile, com o ex-Ministro José Serra, hoje Senador, se recordava que nós tivemos um grupo, lá no Chile, de chilenos, brasileiros e argentinos, nos tempos da ditadura, quando nós imaginávamos que ia ser demorada a possibilidade de outra vez sentirmos o gosto da liberdade. Mas nós tínhamos os exemplos, tínhamos o exemplo do Juscelino, tínhamos o exemplo do Prebisch, tínhamos exemplos de pessoas que fazem e que acreditam.

Hoje, o Banco Interamericano de Desenvolvimento tem sido uma espécie de consolidação desse ideário. Eu até diria, não sei, tenho as minhas dúvidas – não sei bem onde é que Iglesias nasceu, ele disse que é no Uruguai, às vezes é na Espanha – mas acho que foi em Minas Gerais. Ele tem um jeitão de mineiro. Nasceu em Diamantina.

Mas ele tem, também, um outro sentimento que é mais cearense do que mineiro. Os cearenses são conhecidos, no Brasil, porque eles se espalham pelo Brasil todo. O Iglesias se espalha por toda a América Latina, e é cidadão de toda a América Latina. A tal ponto que hoje, apesar de minhas convicções republicanas, chamei-o de nosso Imperador. E disse aos governadores que estão aqui, governadores de várias províncias do Brasil, que só um Imperador os põe juntos. Eu nunca consegui. Foi preciso pedir o apoio do BID.

É verdade que ele tem algo mais que palavras. Ele tem, no bolso, um pouco mais que eu. Mas não é por isso que eles vêm. Eles vêm porque te querem, e porque sabem que o BID realiza, realmente, uma grande obra.

Raras instituições tiveram essa capacidade que teve o Banco Interamericano de Desenvolvimento, desde priscas eras. Aqui foi falado algo a respeito do Cleânicio de Paiva Leite. Quando vivi no Chile, Cleânicio era representante do BID, por causa do Herrera, lá, no Chile. Isso vem de longe, esse carinho que foi sendo desenvolvido no BID, um carinho que se transforma em prática, que se transforma em estradas, que se transforma em fonte de energia, que se transforma em empregos. E, agora, mais do que nunca, em trabalhos para os favelados, em trabalhos para os mais pobres, porque tudo que fizemos na América Latina até hoje, não foi capaz, ainda, de acabar com aquilo que mais nos transtorna, que é a pobreza. Mas a pobreza só se acaba criando riquezas, criando investimentos e distribuindo. E fazendo com que as pessoas produzam a riqueza, que elas próprias agreguem valor no seu trabalho, no seu dia-a-dia.

E, hoje, o BID se orienta muito mais para as pessoas do que para as coisas. É um Banco, é quase uma contradição, como todo banco tem capital – e dizem, até, que dá lucro – mas usa esse lucro para transformá-lo em ações sociais que mudam a face das nossas sociedades.

Por todas essas razões, não quero me estender, só quero dizer, para finalizar, da minha alegria real de estar aqui e dizer que tenho uma certa inveja do Enrique Iglesias. Não é porque ele falou em três ou quatro línguas. Posso falar também. Não posso porque sou Presidente, agora, aqui, só posso falar em português. Mas é por outra razão. Eu disse que ele era Imperador. É melhor do que Imperador. Ele pode ser reeleito. E tem o meu voto. E eu não posso.

Muito obrigado.